

**VARIAÇÃO, MUDANÇA E PERSPECTIVA
NO USO DO LÉXICO DA LIBRAS**

Valdemar Barbosa Lima Junior (UEMG)
valdemarjuniorlj@gmail.com

RESUMO

As línguas de sinais, assim como as línguas orais, contêm variações e mudanças. Objetiva-se identificar fenômenos de mudanças lexicais na língua de sinais brasileira, apontar perspectivas, possíveis fatores linguísticos e extralinguísticos. Foram selecionados vinte e quatro sinais, partindo do pressuposto de que alguns desses podem estar carregados de preconceito, estereótipo, bem como outros que estão passando a ser utilizados na perspectiva do observador. Para apresentar os significados dos sinais em Libras e em português, utilizou-se fotos e a transcrição em glosas, que são os significados dos sinais escrito em português com letras maiúsculas. Desse modo, comprova-se o *status* linguístico da língua de sinais e registram-se os seus fenômenos linguísticos.

Palavras-chave:

Mudança. Perspectiva. Língua de sinais brasileira.

ABSTRACT

Sign languages, like spoken languages, contain variations and changes. The objective is to identify phenomena of lexical changes in Brazilian sign language, perspectives and point out possible linguistic and extralinguistic factors. Twenty-four signs were selected, based on the assumption that some of these may be loaded with prejudice, stereotypes, as well as others that to come be used from the perspective of the observer. To present the meanings of the signs in Libras and Portuguese, photos and the transcription in glosses were used, which are the meanings of the signs written in Portuguese with capital letters. In this way, the linguistic status of sign language is confirmed, and its linguistic phenomena are recorded.

Keywords:

Change. Perspective. Brazilian sign language.

1. Introdução

As línguas sinalizadas são diferentes em cada país. Temos, por exemplo, a língua de sinais francesa (LSF), a língua de sinais americana (ASL), a língua gestual portuguesa (LGP), dentre outras. Não sabemos ao certo quantas línguas de sinais existem no mundo, mas estima-se que há mais de 150, conforme registro no *website Ethnologue*. No Brasil, além da Libras, temos a Língua de Sinais Internacional (InterSL), a Lín-

gua de Sinais Urubus Kaapor (LSUK), dos índios da Amazônia e também a Língua de Sinais Cena de uma comunidade do Piauí.

As línguas em geral contêm variações, mudanças, gestos, classificadores etc. Em relação à modalidade, as línguas de sinais são produzidas pelo corpo, tendo como principais articuladores as mãos. São línguas gesto-visuais, pois são percebidas pelos olhos, contendo várias expressões não manuais. Estudos linguísticos desde a década de 60 comprovam que as línguas de sinais possuem princípios gramaticais assim como as línguas orais (Cf. BRITO, 1995; QUADROS; KARNOPP, 2004; STOKOE, 1960). Além disso, elas passam por processos de variação e mudança.

Com o advento das tecnologias, o uso da *internet*, de redes sociais, as trocas linguísticas são facilitadas. Em relação à língua de sinais brasileira, até pouco tempo não havia intérpretes de Libras nos telejornais, em propagandas e nem em filmes. Hoje, temos na TV alguns programas com interpretações simultâneas do português para a libras, por exemplo, a Rede Minas com o Jornal da Cultura⁶², o Roda de conversa, propagandas, aulas *on-line* de universidades, eventos no *Youtube* etc. Desse modo, é possível perceber ainda mais as mudanças e escolhas linguísticas dos usuários da Libras na interação e nesses meios.

Neste estudo, selecionaram-se vinte e quatro sinais para se discutir as mudanças e escolhas dos usuários. A escolha dos sinais se deu devido estarem carregados de preconceitos, reforçarem estereótipo e por haver mudança de perspectiva, bem como uma melhor compreensão dos significados dos termos, ampliando assim o léxico. Para a tradução dos sinais foram colocadas fotos reproduzidas e glosas, que são os significados em português com letras maiúsculas, e a explicação sobre como realizá-los, descrevendo alguns parâmetros fonológicos em português⁶³. Utilizaram-se vídeos do *Youtube*, figuras de textos de autores e reprodução dos sinais. Fez-se uma breve menção do que é variação, mudança e perspectiva, depois mostrou-se possíveis fatores que permitiram ampliar o léxico (Cf. RANGEL URBANO *et al.*, 2021).

Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo (a) evidenciar fenômenos linguísticos que ocorrem no léxico da Libras, em relação à vari-

⁶² Fonte: <https://www.youtube.com/@JornalismoTV Cultura>.

⁶³ Preferiu-se a descrição do movimento do sinal em português, em vez de setas ou formas, para que fique mais claro para o leitor, devido à complexidade de se registrar esse parâmetro em 2D.

ação, mudança e perspectiva do sinal, bem como (b) discutir fatores linguísticos e extralinguísticos que provocam tais mudanças e ampliação do léxico.

2. *Variação e mudança na Libras*

A Libras possui variações históricas, diatópicas (geográficas), diastráticas (sociais) etc. Algumas variedades são notadas entre surdos do Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba, por exemplo. Para exemplificar, há sinais que se diferem, tais como o sinal de VERDE, conforme as imagens abaixo.

Figura 1.



Fonte: Strobel e Fernandes (1998, p. 1).

Essas são variações naturais, regionais na Libras. Lima Júnior e Ribeiro (2014) mencionam que há grandes variações (extralinguísticas) na Libras devido à existência de grupos, em instituições educacionais, que criam os sinais para fins acadêmicos. Alguns surdos e ouvintes acreditam ser necessário haver equivalências de palavra-sinal, o que os estimula a criarem sinais para determinados termos na língua portuguesa. Um exemplo é quando se pergunta: “qual o sinal dessa palavra?” Vale ressaltar que as línguas são diferentes, têm suas histórias, seu tempo, portanto, não possuem léxico equivalente. As criações lexicais na Libras, em instituições educacionais, diminuíram devido às trocas linguísticas da comunidade surda, por meios virtuais (Cf. LIMA JÚNIOR, 2021).

Algumas ferramentas de uso para interação em língua de sinais entre seus usuários são: *Facebook*, *Instagram* e *Whatsapp*. Uma particularidade na Libras é que alguns usuários tomam a liberdade para criarem sinais, muitas vezes, fazendo empréstimos de inicialização do Português, e isso pode extrapolar o desenvolvimento natural da língua. Um exemplo observado em um grupo de *Whatsapp*, contendo mais de 150 intérpretes, foi em relação ao sinal para o termo VERBA em Libras. Apesar de já

existir o sinal para traduzir esse termo, um dos usuários mencionou que sinalizava fazendo o sinal de DINHEIRO (com a mão direita) + a configuração em V com a mão esquerda, batendo no dorso dos dedos da mão direita. Nesse sentido, pode haver a criação de sinais, por grupos de determinadas instituições, no intento de ampliar o léxico da Libras, porém, com interferência do português. Sobre o desenvolvimento natural de uma língua, Diniz (2010) considera que alguns efeitos que alteram sua estrutura são: empréstimos, interferências, pidginização e criouliização.

Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 89), “(...) todas as línguas, orais ou de sinais, incorporam em seu vocabulário, palavras estrangeiras que são consideradas Empréstimos Linguísticos”. Entretanto, esses empréstimos não podem ser realizados de forma aleatória e nem individualmente porque isso poderia gerar entraves na comunicação em Libras (Cf. LIMA JÚNIOR; RIBEIRO, 2014).

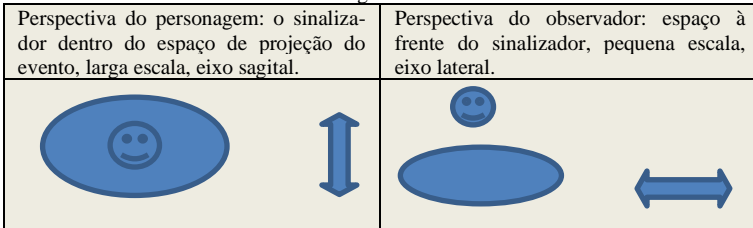
Nascimento (2009) apresenta uma tipologia de empréstimos linguísticos na Libras, classificado por: Empréstimos datilológicos, transliteração, transliteração pragmática, transliteração lexicalizada (semidatilológicos), transliteração da letra inicial, empréstimos da configuração visual dos lábios, empréstimos semânticos, estereotipados e cruzados.

Segundo Adriano (2018, p. 42), “os principais empréstimos linguísticos são oriundos da influência dos léxicos importados de uma língua oral, do português para Libras, devido à presença das línguas no mesmo território exercendo um contato cotidiano”. Muitas vezes, membros da comunidade surda querem desvincular essas influências de empréstimos do português na Libras, afirmando que a língua deve ser “pura” e, além disso, por ser de outra modalidade. Ressalta-se que, para expressarmos em língua de sinais, utilizamos gestos, sinais, soletração-empréstimos da língua oral, empréstimos (sinais) de outras línguas de sinais, classificadores, expressões faciais e corporais (Cf. BRITO, 1995; QUADROS; KARNOPP, 2004).

A Libras, como quaisquer outras línguas, sejam orais ou sinalizadas, passam por processos de mudanças históricas. Essas mudanças estão muitas vezes ligadas a fatores linguísticos e sociais (Cf. BARDINI; MOURA; SANTOS, 2021). Souza (2019, p. 678) menciona que mudanças são “certas construções acabam por se fixar na língua pelo menos por algum tempo até que outras variações surjam”. Nesse sentido, convém analisar as mudanças que ocorrem na língua de sinais, com o propósito de enriquecer seus estudos linguísticos.

O fenômeno de mudança observado na Libras foi que alguns sinais, que eram utilizados em um plano maior, em uma perspectiva, passaram a ser usados sob outro ponto de vista. Conforme Perniss (2007), os sinais podem ser utilizados em diferentes perspectivas: do observador ou do personagem.

Figura 2.



Fonte: adaptado de Perniss (2007).

Ressalta-se que essas perspectivas podem ser mescladas (mistas) durante a sinalização. Sinais que eram/são utilizados na perspectiva do personagem, agora estão em uso no espaço à frente do corpo do sinalizador, ou seja, sob o olhar do observador. Além disso, observa-se o uso de classificador. O classificador é uma configuração de mão usada para representar o referente, que pode ser pessoa, animal ou coisa (Cf. BERNARDINO, 2012; BRITO, 1995). Ele é um item linguístico subespecificado, que possui estatuto morfológico, enquanto o sinal possui estatuto fonológico. Os classificadores podem ser lexicalizados, ou seja, passam a fazer parte do léxico como um sinal. Temos, como exemplo, o sinal de CARRO, que era um classificador, mas que passou a fazer parte do léxico da Libras como um sinal.

O primeiro sinal exemplo relacionado ao tema desse estudo é o sinal para “Índio”:

Figura 3: ÍNDIO.



Fonte: Antonio (Youtube).

Conforme a figura acima, utilizava-se o sinal de índio, retratando as penas na cabeça e o barulho com a boca, que era visto como estereotipado. Era utilizado na perspectiva do personagem, ou seja, no plano maior. A descrição é: bater duas vezes a mão na boca. Abaixo apresenta-se o mesmo conceito referente a ÍNDIO, mas é realizado à frente do sinalizante.

Figura 4: ÍNDIO.



Fonte: Antonio (Youtube).

Esse sinal está na perspectiva do observador, conteúdo lexical para as mãos, em plano menor. Descrição: riscar os dedos no indicador, para a direita, dobrando-os. Ele tem variação, pois pode ser realizado com o dedo anular da mão direita estendido. Outra variação é que pode haver o toque no dedo indicador da mão direita, e não no polegar (como na figura).

Mostra-se na sequência, um sinal que deve ser utilizado, pois quebra o estereótipo e identifica o índio devido à pintura no rosto, mantendo assim a neutralidade em relação a preconceito e estereótipo.

Figura 5: ÍNDIO.



Fonte: Ana Paula (Youtube).

Na imagem acima utilizou-se o sinal retratando a pintura no rosto, na perspectiva do personagem, no plano maior. Descrição: arrastar os de-

dos na bochecha, para a direita, dobrando-os. Esse sinal de ÍNDIO é bem utilizado na comunidade surda nas duas perspectivas.

Outro termo que causa polêmica em relação ao sinal, é o de homoafetivo (homossexual, *gay*). Até mesmo na língua portuguesa as pessoas defendem ou fazem uso de um termo ou outro.

Figura 6.

<p style="text-align: center;">HOMOSSEXUAL</p>  <p>Trata de um empréstimo do português, sinaliza-se o H por causa da primeira letra da palavra homossexual, que é uma transliteração da letra inicial. Descrição: girar a palma da mão para trás.</p>	<p style="text-align: center;">GAY</p>  <p>Assim como na língua portuguesa há o empréstimo da palavra GAY, na Libras há a soletração conforme a figura. Descrição: soletrar G-A-Y.</p>
<p style="text-align: center;">VIADO</p>  <p>Esse sinal remete ao animal e é utilizado no contexto de zombaria. Está no plano maior, na perspectiva do personagem. É bem provável que não se utiliza num contexto formal.</p>	<p style="text-align: center;">VIADO</p>  <p>Um uso no sentido pejorativo. Empréstimo linguístico do português para demonstrar a palavra VIADO (reforça estereótipo). Descrição: balançar a mão para um lado e para o outro.</p>
<p style="text-align: center;">ENTENDIDO</p>  <p>Transliteração da letra inicial “entendido”. Um sinal mais formal e talvez mais utilizado para se referir ao homoafetivo atualmente. É um sinal considerado formal e amplo, por envolver diversas identidades de pessoas que</p>	

se interessam por pessoas do mesmo sexo. Descrição: balançar a mão, pelo punho, para um lado e para o outro.	
---	--

Fonte: Leo Viturino (*Youtube*).

Um outro sinal utilizado para homoafetivo é o sinal da Figura 7.

Figura 7: GAY.



Fonte: o autor.

Esse sinal está na perspectiva do personagem, demonstrando o gesto com a mão, significando que o *gay* é afeminado e por isso tem trejeitos moles, retratando “desmunhecar”. É um estereótipo e carrega o conceito de que o *gay* é afeminado. Provavelmente um sinal familiar. Descrição: curvar a mão para baixo, simulando punho mole.

Em relação à perspectiva, alguns sinais têm mudado devido à mudança de perspectiva realizada pelos sinalizantes, conforme a figura abaixo.

Figura 8.



<p>INDIFERENTE</p>  <p>Sinal utilizado na perspectiva do personagem, no plano maior. Ainda bem utilizado. Descrição: encostar a ponta do dedo médio na cabeça.</p>	<p>INDIFERENTE</p>  <p>Sinal utilizado na perspectiva do observador. Conteúdo lexical para as mãos, no plano menor. Descrição: encostar a ponta do dedo médio no dorso da mão.</p>
<p>PcD (que usa cadeira de roda)</p>  <p>Utilizado na perspectiva do personagem. Retrata o movimento que a pessoa faz ao se locomover na cadeira (um sinal familiar e icônico). Descrição: jogar as mãos para trás, simulando andar na cadeira de rodas.</p>	<p>PcD (que usa cadeira de roda)</p>  <p>Utilizado na perspectiva do observador. Conteúdo lexical para as mãos, plano menor. Descrição: girar a mão direita, em círculos para frente.</p>

Fonte: o autor.

Embora haja mudanças e escolhas lexicais, isso não significa que o sinal não possa ser usado pelo sinalizante na perspectiva do personagem, como inicialmente era utilizado, porque, de acordo com os pressupostos da Sociolinguística, “(...) a mudança linguística é um processo que não ocorre de maneira estanque, da noite para o dia, mas de forma contínua e gradual através da variação linguística” (BARDINI; MOURA; SANTOS, 2021, p. 31). Sobre essa questão, Lucchesi e Araújo ([s.d.], *on-line*) mencionam que

Através da análise das variáveis sociais, busca-se definir o quadro de variação observado na comunidade de fala nos termos da dicotomia entre *variação estável* e *mudança em progresso*. No primeiro caso, conclui-se que o quadro de variação tende a se manter ainda por um longo período, já que não se verifica uma tendência de predominância de uma variante linguística sobre a(s) outra(s). Já o diagnóstico de mudança em progresso implica que o processo de variação caminha para a sua resolução em favor de uma das variantes identificadas, que deve se generalizar, tornando-se o seu uso praticamente categórico dentro da comunidade de fala.

Nesse quadro, a(s) outra(s) variante(s) tenderia(m) a cair em desuso.
(LUCCHESI; ARAÚJO, [s.d.], *on-line*)

Também não se pode desconsiderar a “fala” (escolhas que cada usuário faz da língua). Portanto, não se exclui a ideia de que os sinais possam ser utilizados em perspectivas distintas, de acordo com as escolhas do sinalizante. A ampliação e variação do léxico é um processo natural nas línguas, além disso, a mudança, conforme os exemplos apresentados, tende a ir para o plano menor, fazendo com que o sinal fique arbitrário.

3. Fatores influenciadores da mudança na língua de sinais

Estudos linguísticos apontam dois fatores influenciadores da mudança: os fatores internos (em relação aos processos gramaticais) e externos (em relação ao passar do tempo, relações da comunidade) (Cf. DINIZ, 2010; IGNÁCIO JÚNIOR, 2014). Os sinais podem estar sofrendo mudanças porque tendem a ficar menos icônicos. Iconicidade é a relação entre forma e significado (Cf. MURTA; LOURENÇO, 2021), como, por exemplo, os sinais de ÁRVORE, CASA etc. Vale mencionar que esse mesmo fenômeno de ficar opaco também foi observado na língua de sinais americana (Cf. FISHBERG, 1975).

A língua de sinais tem como articuladores principais as mãos. Assim, nota-se que o sinalizante tem mudado a perspectiva para a frente do corpo (plano menor). Conforme vimos nos exemplos citados, sinais que eram realizados na cabeça, passaram a ser feitos na mão. A autora Diniz (2010), em sua dissertação, nomeia esse processo de “conteúdo lexical para as mãos”, mostrando formas dos sinais que eram icônicos e foram transferidos para as mãos, como sinal mais arbitrário. Ressalta-se que o surdo se expressa por meio do corpo e das mãos, que são os principais articuladores. A pessoa ouvinte expressa a língua oral majoritariamente com o seu aparelho fonador. No caso do usuário da língua de sinais, a expressão provém principalmente das mãos (expressões manuais). Por isso, tem-se a hipótese de os sinais partirem do articulador mão. O verbo FALAR, partindo da mão, Lourenco (2018) denomina-o de forma inovadora de verbo de enunciação em Libras. Ele cita mais dois sinais em que se utilizam co-localizado na boca, mas também co-localizado na mão.

Figura 9.



Fonte: Lourenço (2018, p. 259).

Nota-se que a mesma configuração que era utilizada na perspectiva do personagem, porém, agora, partindo da mão. Considere que o surdo “fala” com as mãos. Esse sinal (falar/*say*) está na perspectiva do observador. A descrição é: levar a mão um pouco para frente. Apesar desses exemplos, o foco da pesquisa de Lourenço (2018) é concordância dos verbos em Libras.

Segundo Diniz (2010), os sinais icônicos muitas vezes são fruto de influências do ouvinte, da língua portuguesa, ou mesmo o uso de sinais familiares que, posteriormente se tornam opacos. A falta de conhecimento e informação sobre determinados conceitos podem conduzir a uma compreensão equivocada de determinado termo.

Retomando aos exemplos dos sinais citados, o sinal de ÍNDIO, que antes era realizado com a mão batendo na boca, hoje utiliza-se mais relacionado à pintura no rosto e, poucas vezes, às penas na cabeça, e não com a mão batendo na boca, relacionado ao som. O sinal de PESSOA COM DEFICIÊNCIA FÍSICA (que utiliza cadeira de rodas), era realizado com um movimento, como que puxando as rodas da cadeira, hoje se faz com um movimento na palma da mão (ver figura 8). Esse é um tipo de sinal icônico que se torna mais opaco em que o conteúdo lexical vai para as mãos. Para recapitular essa questão do estereótipo e desuso de

termos, na língua portuguesa não é apropriado, por exemplo, chamar a pessoa com deficiência física de “cadeirante”.

Fazendo um paralelo entre língua de sinais e língua oral, a sigla DST (Doença Sexualmente Transmissível) hoje é tida como IST (Infecção Sexualmente Transmissível). Porque o termo INFECÇÃO é diferente de DOENÇA. Uma pessoa infectada não necessariamente é doente. Por isso, justifica-se também a mudança de uso dos sinais. Outro exemplo é a palavra AIDS. Muitas pessoas utilizavam-na no sentido de que toda pessoa que tinha HIV era aidética. Hoje, tem-se uma melhor compreensão de que nem todo portador de HIV é aidético. Pois, o termo AIDS refere-se à doença em estado mais grave, e não apenas estar infectado (PFIZER, 2021). Não significa que as palavras deixaram de ser usadas ou de existirem, mas a compreensão do real significado do termo faz com que a escolha seja diferente. No caso da Libras, também a real compreensão do significado do sinal provocará a mudança de uso que, por sua vez, irá impulsionar a mudança lexical no uso de sinais, bem como a ampliação do léxico.

Em se tratando de registro e desenvolvimento da língua, a escrita de sinais (*Sign Writing*)⁶⁴, que contribui nisso, ainda carece de uso e divulgação na comunidade surda. Aqui no Brasil, a língua de sinais não é oficializada, ou seja, utilizada nos documentos jurídicos, e não pode substituir a modalidade escrita da língua portuguesa (Cf. BRASIL, 2002). Além disso, não temos dicionários e glossários tão amplos como existem a respeito do português. Essas particularidades podem afetar o desenvolvimento da língua e faz com que os seus usuários tomem a liberdade para criarem sinais ou utilizarem sinais “temporários”⁶⁵, que acabam se espalhando na comunidade surda.

Lima Júnior (2021) menciona que usuários/intérpretes da Libras, por exemplo, muitas vezes têm que consultar outros colegas ou surdos para aprenderem determinado sinal, visto que não encontram ou não sabem se existem “registros” no léxico da Libras. Para exemplificar, em um grupo de *Whatsapp*, com cerca de quase 200 intérpretes, as perguntas recorrentes sobre o léxico são: 1- “Existe um sinal para tal palavra?” 2-

⁶⁴ O SignWriting é uma proposta de escrita de sinais que surgiu, há cerca de 30 anos, a partir do registro dos movimentos da dança, criados por Valerie Sutton. Existem outras propostas de escrita, uma delas é a ELIS, proposta pela autora Barros (2008).

⁶⁵ Sinais temporários são sinais criados e utilizados momentaneamente entre os sinalizantes para dinamizar a comunicação. Podem ocorrer durante uma interpretação, por exemplo.

“Qual sinal desse termo?” Isso demonstra que não se sabe se existe o sinal, pois ainda não temos bases amplas de registro do léxico da Libras (LIMA JÚNIOR; RIBEIRO, 2014).

A língua de sinais, por ser uma língua, possui fenômenos naturais de expansão lexical, sem a necessidade de querermos igualá-la à língua oral, o português. Os sinais apresentados neste estudo foram utilizados como exemplos a partir do uso em que se observou no *Youtube*, em telejornais e entre os usuários na comunidade surda. Contudo, existem outros sinais que possuem variações semelhantes relacionadas a essa discussão, mas não iriam acrescentar informações.

4. Considerações finais

Este estudo buscou demonstrar algumas escolhas linguísticas e mudanças na Libras, partindo do pressuposto de que a comunidade falante impulsiona esses fenômenos, devido a uma melhor compreensão dos termos linguísticos, seus usos e mudança de perspectiva. Também devido à modalidade da língua e seus principais articuladores (as mãos), à eliminação de estigmas, estereótipos e preconceito. Devemos permitir que a língua se desenvolva naturalmente, sem querer igualá-la à língua oral ou alterá-la por conta própria. A mudança na Libras ao longo do tempo mostra que essa língua é dinâmica, pois a comunidade surda é viva e, assim como a comunidade ouvinte, utiliza a língua diariamente. Compreende-se que tais fenômenos de variação, escolhas lexicais e mudança linguística na Libras são análogos à língua oral portuguesa, como se pode notar.

Ressalta-se que os exemplos citados, as descrições e os motivos das variações e mudanças são hipóteses levantadas e há necessidade de mais pesquisas, mencionando mais exemplos entre as comunidades surdas, para que tenhamos registros, materiais de estudos e memórias. Uma sugestão de pesquisa seria registrar sinais e suas etimologias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRIANO, G. A. C. *Morfologia aplicada às línguas orais e língua de sinais*. Indaial: Uniasselvi, 2018. Disponível em: <https://www.uniasselvi.com.br/extranet/layout/request/trilha/materiais/livro/livro.php?codigo=35672#:~:text=Os%20estudos%20sobre%20a%20morfologia,g%C3%A>

Aneros%20e%20deriva%C3%A7%C3%A3o%20de%20palavras. Acesso em: 24 abril 2023.

ANA, P. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1HSCj0fj7Jk&ab_channel=AcademiadeLibras. Acesso em: 24 abril 2023.

BARDINI, G.; MOURA, F.; SANTOS, V. Variação e mudança linguística: do estruturalismo à sociolinguística. *Mandinga – Revista de Estudos Linguísticos*, v. 05, n. 01, p. 26-36, Redenção-CE, jan./jun.2021. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/mandinga/article/view/675/429>. Acesso em: 24 abril 2023.

BARROS, M. E. Elis. *Escrita das línguas de sinais: proposta teórica e verificação prática*. Tese (Doutorado em linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. 199 f. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91819/249018.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 abril 2023.

BERNARDINO, E. L. A. O uso de classificadores na Língua de Sinais Brasileira. *ReVEL*, 10 (19), 2012.

BRASIL. *Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2022*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 24 abril 2023.

BRITO, L. F. *Por uma gramática de línguas de sinais*. 2. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

DINIZ, H. G. *A história da língua de sinais brasileira (Libras): um estudo descritivo de mudança fonológica e lexical*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. 113 f. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/93667/282673.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 abril 2023.

FRISHBERG, N. Arbitrariness and Iconicity: Historical Change in American Sign Language. *Language*, v. 51, n. 3 (Sep., 1975), p. 696-719, 1975.

IGNÁCIO JÚNIOR, I. *Análise de mudanças morfofonológicas na língua brasileira de sinais em comparação à produção em língua de sinais francesa*. Monografia (Graduação em Letras) – Departamentos Acadêmicos de Comunicação e Expressão e Línguas Estrangeiras Modernas, Uni-

versidade Tecnológica Federal do Paraná, 2014. 57 f. Disponível em: https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/8873/2/CT_COLET_%202013_2_10.pdf. Acesso em: 24 abril 2023.

LIMA JÚNIOR, V. B. Apropriação lexical em Libras por tradutores e intérpretes. *Rellís*, v. 2, n. 2, 2021. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/estudosdelibras/issue/view/289>.

LIMA JÚNIOR, V. B.; RIBEIRO, L. A. Interferências no processo de compreensão de textos em libras: a variação e a proficiência linguística. *DLCV – Língua, Linguística & Literatura*, v. 11, n. 1, p. 119-36, 15 ago. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/dclv/article/view/16902>. Acesso em: 25 abril 2023.

LIMA JÚNIOR, V. B. *A formação do intérprete de libras na cidade de Belo Horizonte*. (No prelo).

LOURENÇO, G. *Verb agreement in Brazilian Sign Language: Morphophonology, Syntax & Semantics*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais. 2018. 320 f. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/LETR-B7NEZ5/1/1676d.pdf>. Acesso em: 25 abril 2023.

LUCCHESI, D.; ARAÚJO, S. *A teoria da variação linguística*. Disponível em: <https://www.vertentes.ufba.br/TeoriaDaVariacao.html>. Acesso em: 25 abril 2023.

MURTA, M.; LOURENÇO, G. Iconic mappings in the internal structure of verbs in Brazilian sign language. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 4, 2021. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/450>. Acesso em: 25 abril 2023.

NASCIMENTO, S. P. de F. do. *Representações lexicais da língua de sinais brasileira: uma proposta lexicográfica*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília/UnB, Brasília, 2009. 290 f. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/6547>. Acesso em: 25 abril 2023.

PERNISS, P. Achieving spatial coherence in German Sign Language narratives: The use of classifiers and perspective. *Lingua*, v. 117, n. 7, p. 1351-8, 2007. Disponível em: http://www.pernipa.eu/papers/Perniss07_spatial_coherence.pdf. Acesso em: 25 abril 2023.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PFIZER. *Qual a diferença entre HIV e AIDS?*, 2021. Disponível em: <https://www.pfizer.com.br/noticias/ultimas-noticias/qual-diferenca-entre-hiv-e-aids>. Acesso em: 25 abril 2023.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. São Paulo: Artmed, 2004.

RANGEL URBANO, A. B. *et al.* A variação linguística na libras: Um estudo semântico-lexical dos sinais de animais em São Luís-MA. *Littera: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, v. 12, n. 22, [S.l.], 2021. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/17172>. Acesso em: 25 abril 2023.

SOUZA, A. J. de. A mudança linguística na perspectiva funcionalista. *Revista de psicologia*, [S.l.], v. 13, n. 46, p. 677-683, jul. 2019. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1926/2900>. Acesso em: 25 abril 2023.

STOKOE, W. C. *Sign language structure. Studies in Linguistics – Occasional Papers 8*. Buffalo, NY: Department of Anthropology and Linguistics, University of Buffalo. MD: Linstock Press, 1960.

STROBEL, K.; FERNANDES, S. *Aspectos linguísticos da libras*. SEED, Curitiba. Disponível em: https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/06/Aspectos_linguisticos_LIBRAS.pdf. Acesso em: 25 abril 2023.

VITURINNO, L. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MJtAuEx8TOU&ab_channel=L%C3%A9oViturinno. Acesso em: 25 abril 2023.

Outras fontes:

ABREU, A. de. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bnzmDsZTQ18&t=127s&ab_channel=AntoniodeAbreuAbreu. Acesso em: 24 abril 2023.

ETHNOLOGUE. Disponível em: <https://www.ethnologue.com/subgroups/sign-language>. Acesso em: 9 ago. 2022. Acesso em: 24 abril 2023.